

## PLÁGIOS E A INVISIBILIZAÇÃO DO TRADUTOR: O CASO DAS TRADUÇÕES DO *ORIGIN OF SPECIES* PARA O PORTUGUÊS

### PLAGIARISM AND THE INVISIBILIZATION OF THE TRANSLATOR: THE CASE OF THE *ORIGIN OF SPECIES* TRANSLATIONS INTO PORTUGUESE

Pedro de Lima NAVARRO\*

<https://orcid.org/0000-0003-0747-544X>

Lilian Al-Chueyr Pereira MARTINS\*\*

<https://orcid.org/0000-0003-2513-1165>

**Resumo:** O objetivo deste artigo é evidenciar a invisibilidade do tradutor a partir dos plágios recorrentes nas traduções do *Origin of species*, de Charles Darwin (1809-1882), para o português. Embora tenha sido traduzida para diversos idiomas ainda no tempo de vida do autor, a primeira edição portuguesa, traduzida pelo médico Joaquim Dá Mesquita Montenegro Paúl (1875-1946), feita indiretamente a partir da tradução francesa de Edmond Barbier, foi publicada apenas em 1913. Esta tradução seguiu sendo a única disponível por décadas e encontrava-se facilmente no Brasil, devido ao comércio livreiro transatlântico. Na década de 1970, contudo, iniciou-se uma longa tradição de plágios do texto de Paúl no Brasil, inundando o mercado com diversas edições e reimpressões alienadas de seu tradutor original. A Hemus foi pioneira na prática e licenciou seu material para diversas outras editoras, mas a Martin Claret, a Madras e a Pradense também contribuíram com seus próprios plágios que, por vezes, levaram à publicação de traduções verdadeiras como forma de retratação. Assim, em um contexto de transferência cultural da obra de Darwin da Inglaterra, passando pela França para então chegar a Portugal e, finalmente, ao Brasil, buscamos discutir a prática de plágio enquanto uma apropriação mercadológica que invisibiliza ao máximo o tradutor.

**Palavras-chave:** *Origin of species*; Charles Darwin; darwinismo no Brasil; plágio em tradução; história da tradução no Brasil.

**Abstract:** The aim of this article is to highlight the invisibility of the translator through recurring instances of plagiarism in translations of *The Origin of species* by Charles Darwin (1809-1882) into Portuguese. Despite its translations into several languages during the author's lifetime, the first Portuguese edition translated by physician Joaquim Dá Mesquita Montenegro Paúl (1875-1946), based on the French translation by Edmond Barbier, was only published in 1913. This translation remained the only one available for decades and was readily available in Brazil due to transatlantic book trade. In the 1970s, however, a long tradition of plagiarism of Paúl's text was introduced in Brazil, flooding the market with various editions and reprints alienated from its original translator. Hemus was the first to do it, subsequently licensing the text to many more publishing houses, but Martin Claret, Madras and Pradense also contributed with plagiarisms of their own, occasionally leading to the publication of genuine translations as a form of retraction. In the context of the cultural transfer of Darwin's work from England, passing through France to reach Portugal, and finally arriving in Brazil, the objective is to explore plagiarism as an editorial market appropriation that seeks to render the translator as invisible as possible.

---

\* Doutorando no Programa de Pós-graduação em Biologia Comparada da Faculdade de Ciências e Letras de Ribeirão Preto da Universidade de São Paulo (USP); e-mail: [pedronavarro@usp.br](mailto:pedronavarro@usp.br).

\*\* Professora Associada do Departamento de Biologia da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto da Universidade de São Paulo (FFCLRP-USP); Doutora em Ciências Biológicas na área de Genética pela Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP); e-mail: [lilian.pereira.martins@gmail.com](mailto:lilian.pereira.martins@gmail.com).

**Keywords:** *Origin of species*; Charles Darwin; Darwinism in Brazil; plagiarism in translation; translation history in Brazil.

## Introdução

A publicação tardia do *Origin of species* em português, cinquenta e quatro anos após a publicação de sua primeira edição, em 1859, e quarenta e um anos após a sexta edição (1872), pode ser explicada pelo influxo de traduções francesas e dos livros originais em Portugal, assim como pelo crescente espírito conservador, nacionalista e católico no país no início do século XX (Pereira, 2001, p. 75-6; 2010, p. 649; Bennett, 2015, p. 13; Gomis, 2017, p. 20)<sup>1</sup>. Alinhada a essa publicação tardia (póstuma a Darwin, impossibilitando a existência de correspondências entre autor e tradutor), a assimetria linguística do português em relação a outras línguas (Fitas, 2015; Seruya, 2020), a falta de interesse dos historiadores da ciência em traduções científicas (Olohan; Salama-Carr, 2011) e a posição periférica do assunto dentro dos estudos da tradução (Olohan, 2020) contribuíram para que o estudo das traduções da obra de Darwin começasse apenas recentemente no Brasil, principalmente com o artigo de Cristina de Amorim Machado (2019), enquanto traduções para outras línguas já vinham sendo analisadas em menor ou maior grau há décadas (Zabalbescoa, 1968; Coury, 1974; Farley, 1974).

Pretendemos, assim, somar à compreensão das traduções de Darwin para o português, sua história e sua relação com casos de plágio. Primeiramente, apresentaremos um estudo dos diversos plágios de traduções do *Origin of species* que circularam e circulam no Brasil até como meio de informar aos leitores preocupados com essa questão quais textos escolher. A partir dessa base bibliográfica, discutiremos o plágio como uma estratégia mercadológica intencional e seus efeitos maiores para a tradução como um todo. Por fim, tendo em mente as relações estreitas entre tradução e recepção, procuraremos compreender como o plágio se insere nas operações que governam o processo de transferência cultural.

Esperamos, dessa forma, contribuir para a literatura especializada com uma descrição de algumas das traduções de Darwin no Brasil e Portugal ainda não

---

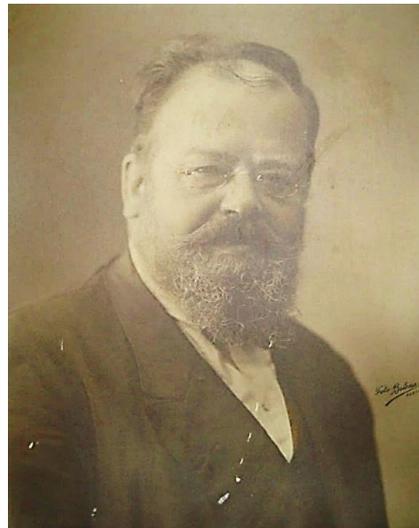
<sup>1</sup> Os autores agradecem aos pareceristas e às organizadoras do dossiê pelos comentários e correções que melhoraram muito o artigo. Os autores também agradecem o financiamento da CAPES/PROEX processos nº 88887.510580/2020-00 e 23038.016699/2019-16 pela bolsa de doutorado e pelo financiamento extraordinário que permitiu a participação no XIV Encontro Nacional de Tradutores e VIII Encontro Internacional de Tradutores (2022), onde esse trabalho foi primeiramente apresentado.

pesquisadas, assim como, com uma discussão sobre o papel do plágio e seus efeitos no mercado editorial brasileiro.

### **A origem dos plágios por meio da seleção editorial: ou a preservação de versões favoritas na luta pela publicação**

Antes de seguir para uma análise dos plágios, cabe discutir brevemente sobre a definição do termo em si. Infelizmente, não existe uma definição própria do “plágio” na legislação brasileira ou portuguesa (Superior Tribunal de Justiça, 2012; Saraiva, 2018 p. 7; Pimentel, 2022), apenas do conceito mais amplo de “contrafação”, isto é, uma reprodução não autorizada (Brasil, 1998; Portugal, 2008). Assim, ocorrências de plágio em processos de violações de direitos autorais são julgadas caso a caso. Felizmente, para os propósitos deste trabalho, podemos utilizar a definição de Krokosz (2012, p. 11): “Trata-se de qualquer conteúdo (artístico, intelectual, comercial etc.) que tenha sido produzido ou já apresentado originalmente por alguém e que é reapresentado por outra pessoa como se fosse próprio ou inédito [...]”. No nosso caso, o conteúdo plagiado em questão é a tradução portuguesa do *Origin of species* de autoria de Joaquim Dá Mesquita Paúl (1875-1946) (figura 1).

Figura 1 - Fotografia de Joaquim Dá Mesquita Paúl, c. 1910-30.

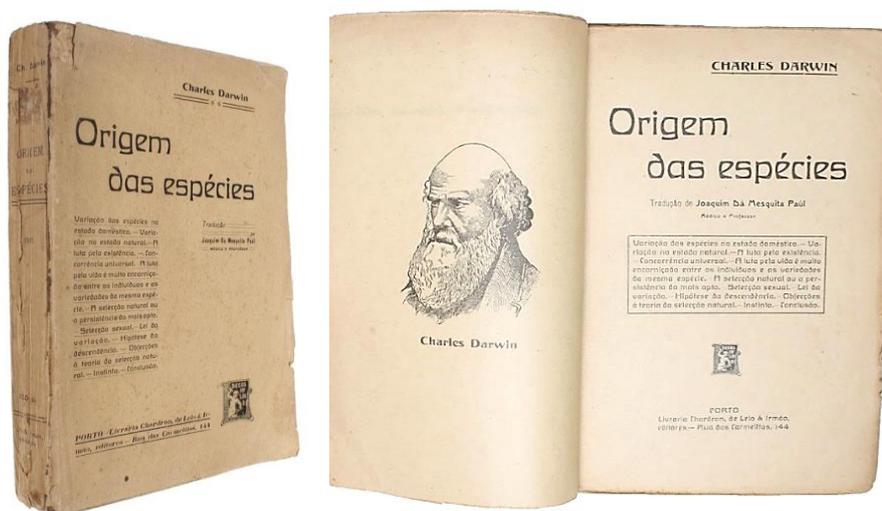


Fonte: Facebook Joaquim Dá Mesquita Paúl.

A primeira notícia dessa tradução de que dispomos é de 1908, quando a editora Lello e Irmão anunciou no periódico *Almanach d'O Mundo* (Borges, 1908, p. 89) que uma tradução do *Origin of species* estava em preparação. Entretanto, o exemplar datado

mais antigo ao qual temos acesso é de 1913, de modo que consideramos essa a data de publicação da primeira tradução integral do *Origin of species* para o português (figura 2). Para nos referirmos às traduções das diferentes editoras e tradutores daqui em diante de maneira menos confusa, utilizaremos um rótulo distinto para cada um. Sendo assim, o *Origin* de Paúl será chamado de J1 e as outras traduções receberão seus códigos oportunamente. A referência completa de cada uma das traduções está disponível na bibliografia deste trabalho.

Figura 2 - À esquerda: Capa e lombada (note o ano de 1913 logo abaixo do título na lombada) de J1; À direita: Ilustração de Darwin e folha de rosto da edição.



Fonte: Herman H. J. Lyngé & Son A/S. Disponível em: <https://lyngé.com/en/natural-history/biology/55761-origem-das-especies-ie-portuguese-origin-of-species/>.

J1, traduzida a partir da tradução francesa da sexta edição do *Origin* por Edmond Barbier (1834?-1880), mais especificamente da segunda edição desta tradução (Darwin, 1880), reinou sozinha por décadas como a única tradução do *Origin* em Portugal e no Brasil, onde existiu uma filial da editora Lello até o final da década de 1960 (Niskier, 2010; Coelho, 2016)<sup>2</sup>. Não foi possível consultar um exemplar de J1 para a pesquisa, de modo que nos valem de uma reedição de 1961 com revisões ortográficas que denominaremos J2.

A tradução de Paúl teve um efeito duradouro na história lusófona do *Origin*. Além de seu pioneirismo, ela foi a única tradução integral para o português por muitas décadas e a única tradução legítima por algumas décadas mais. Além disso, por estar em domínio

<sup>2</sup> A próxima edição mencionada, por exemplo, tem o nome “Editora Lello Brasileira S.A.” em sua contracapa.

público e ter circulado sozinha por muito tempo é natural que ela seja bastante acessível e influencie outras traduções como fonte de consulta. Entrando, o texto de Paúl foi lido desavisadamente por incontáveis pessoas a partir de diversos plágios iniciados em 1973 pela editora Hemus, que atribuiu sua edição ao tradutor fictício “Eduardo Fonseca” (Bottmann, 2009; Costa, 2014).

A editora Hemus foi fundada pelo búlgaro Eliyahu “Eli” Behar (1920-1983), em 1965. Eli Behar já trabalhava no mercado editorial na Bulgária<sup>3</sup>, porém, teve de fugir do país em 1948, provavelmente devido à sua ascendência judia, uma vez que a “Campanha anticosmopolita”, na qual judeus foram perseguidos pelo regime soviético (Azadovskii; Egorov, 2002), havia sido deflagrada. Em Israel, Behar foi militar e fundou sua primeira livraria (e futuramente editora), administrada em conjunto com sua esposa, Rachel “Relly” Behar. Em 1955, chegou ao Brasil e, após quase dez anos trabalhando nesse mercado editorial, fundou a editora Hemus em 1965<sup>4</sup>, inicialmente com o nome de “Livraria Exposição do Livro”. A editora<sup>5</sup> publicava romances eróticos em seu início, mas ficou mais conhecida por sua linha de livros técnicos iniciada em 1968, embora também editasse livros de esoterismo e ficção. Eliyahu Behar era conhecido por ter sido um dos pioneiros na introdução do livro de bolso no Brasil ainda na década de 1950 e por ter sido um dos primeiros a publicar quadrinhos com quatro cores. Além disso, escreveu alguns livros, por exemplo *Vultos do Brasil* (1967). Eli Behar faleceu em 1983 deixando a empresa para seus filhos, sendo Maxim Behar (figura 22) o principal administrador. A partir de 2009, deu-se baixa nos CNPJs da matriz e filiais da Hemus, provavelmente em decorrência de problemas tributários. Neste mesmo ano, Maxim abriu a Leopardo Editora (figura 23) com o intuito de ser a distribuidora exclusiva do catálogo da Hemus, que seria reforçado com novos lançamentos. Em 2021, o CNPJ (11.007.233/0001-32) da Leopardo Editora também foi dado como inapto (Bom Domingo, 1988; Memória Empresarial,

---

<sup>3</sup> Curiosamente, ao menos até 2004, ainda existia uma editora búlgara chamada Hemus (Xemyc) (Hemus, ou Haemus, é o nome em grego antigo para os Bálcãs, ainda em uso na Bulgária) fundada em 1918 (Gergova, 2004, p. 454-5), mas sem evidências de relação com a editora brasileira.

<sup>4</sup> Uma pesquisa pelo CNPJ da matriz (61.495.941/0001-38) informa que ela foi aberta em 13 de agosto de 1966. Assumindo que a empresa funcionou por alguns meses sem CNPJ, esse dado corrobora a época de sua fundação. Outras filiais foram abertas em 1968 (61.495.941/0002-19) e em 1982 (61.495.941/0003-08), esta última localizada no Rio de Janeiro em vez de São Paulo. À parte disso, houve ainda duas outras empresas de razão social “Hemus Livraria Distribuidora e Editora S/a” (03.249.454/0001-99 e 03.249.454/0002-70) abertas em 1999 e sediadas em Curitiba.

<sup>5</sup> Cabe lembrar que em alguns anos, aparentemente de maneira intermitente, a editora foi acompanhada por livrarias (Jornal do Brasil, 1965; Diário da Noite, 1979; Memória Empresarial, 1994). Segundo Laurence Hallewell (2005, p. 917), a editora também teve uma sucursal em Portugal.

1994; Revista Fator Brasil, 2009; Bottmann, 2009; Hallewell, 2012, p. 917; Londero, 2015 p. 77; Freitas, 2020, p. 11-3).

Pela editora Hemus, vimos a primeira tradução do *Origin* publicada no Brasil, mas, paradoxalmente, não a primeira tradução brasileira (H1) (figura 3). Segundo Costa (2014), as edições só começaram a ser datadas a partir de 1979, mas a primeira não poderia ser posterior a 1973. Em comunicação pessoal<sup>6</sup>, Costa explicou que esta datação foi feita com base no texto editorial presente na orelha do livro *A origem do homem*, outra obra de Darwin também editada pela Hemus, datado de 1974, na qual a edição do *Origin* da empresa já havia sido mencionada. Esta tradução não pode ser considerada brasileira, pois seu texto não passa de um plágio integral do texto português com leves alterações, creditado ao já mencionado tradutor fictício, “Eduardo [Nunes] Fonseca” (Bottmann, 2009; Costa, 2014).

Figura 3 - Capa de H1.



Fonte: Do autor.

Não é nosso objetivo fornecer dados quantitativos de comparação integral das traduções, mas em adição aos trechos apresentados por Bottmann (2009)<sup>7</sup>, selecionamos alguns outros que denunciam o plágio (Quadro 1):

<sup>6</sup> E-mail enviado por Costa ao primeiro autor deste artigo em 07/01/2022.

<sup>7</sup> Cabe lembrar que a Hemus é reincidente em plágios, tendo outros três livros de seu catálogo identificados como espúrios por Bottmann (2009).

Quadro 1 - Comparação textual entre as traduções de Joaquim Dá Mesquita Paúl (J2) e "Eduardo [Nunes] Fonseca" (H1)<sup>8</sup>.

Joaquim Dá Mesquita Paúl	“Eduardo [Nunes] Fonseca”
<p>Proponho-me noticiar a largos traços o progresso da opinião relativamente à origem das espécies. Até há bem pouco tempo, a maior parte dos naturalistas supunha que as espécies eram produções imutáveis criadas separadamente. Numerosos sábios defenderam habilmente esta hipótese. Outros, pelo contrário, admitiam que as espécies provinham de formas preexistentes por intermédio da geração regular. Pondo de lado as alusões que, a tal respeito, se encontram nos autores antigos, Buffon foi o primeiro que, nos tempos modernos, tratou este assunto de um modo essencialmente científico. Todavia, como as suas opiniões variavam muito de época para época, e não trata nem das causas, nem dos meios de transformação da espécie, é inútil entrar aqui em maiores minudências a respeito dos seus trabalhos (J2, p. vii).</p>	<p>Proponho-me noticiar a largos traços o progresso da opinião relativamente à origem das espécies. Até há bem pouco tempo a maioria dos naturalistas admitia que as espécies eram produções imutáveis criadas separadamente. Numerosos cientistas defenderam habilmente esta possibilidade. Outros, pelo contrário, admitiam que as espécies provinham de formas preexistentes através da geração regular. Deixando de lado as alusões que, a tal respeito, se encontram nos autores antigos, Buffon foi o primeiro, nos tempos modernos, a tratar deste assunto de maneira essencialmente científica. Contudo, como as suas opiniões variavam muito de época para época, e não trata nem das causas, nem dos meios de transformação da espécie, é inútil entrar aqui em minúcias com referência aos seus trabalhos (H1, p. 9).</p>
<p>São tão notáveis muitos dos instintos que o seu desenvolvimento parecerá sem dúvida ao leitor uma dificuldade suficiente para destruir toda a minha teoria. Começo por constatar que não tenho mais a intenção de procurar a origem das faculdades mentais do que as da vida. Temos, com efeito, apenas que nos ocupar das diversidades do instinto e das outras formas mentais nos animais da mesma classe (J2, p. 223).</p>	<p>São tão extraordinários muitos dos instintos que o seu desenvolvimento parecerá sem dúvida, ao leitor, um obstáculo suficiente para solapar toda a minha teoria. Começo por notar que não tenho mais o propósito de procurar a origem das faculdades mentais do que as da vida. Temos, com efeito, apenas que nos ocupar das diversidades do instinto e das outras faculdades mentais nos animais da mesma classe (H1, p. 229).</p>
<p>Examinemos agora se as leis e os fatos relativos à sucessão geológica dos seres organizados concordam melhor com a teoria ordinária da imutabilidade das espécies do que com a da sua modificação lenta e gradual, por via da descendência e da seleção natural (J2, p. 315).</p>	<p>Examinemos agora se as leis e os fatos relativos à sucessão geológica dos seres organizados concordam melhor com a teoria comum da imutabilidade das espécies do que com a da sua modificação lenta e progressiva, por via da descendência e da seleção natural (H1, p. 317).</p>

Fonte: Do autor.

Ante a um disfarce tão fraco do texto original, não seria exagero dizer que os leitores das edições da Hemus, assinada pelo fictício “Eduardo [Nunes] Fonseca”, são, na verdade, leitores do texto português do início do século feito com base na tradução francesa. Também não seria exagero, como fizemos acima, não considerar essa a primeira tradução brasileira, mas apenas uma edição produzida no Brasil.

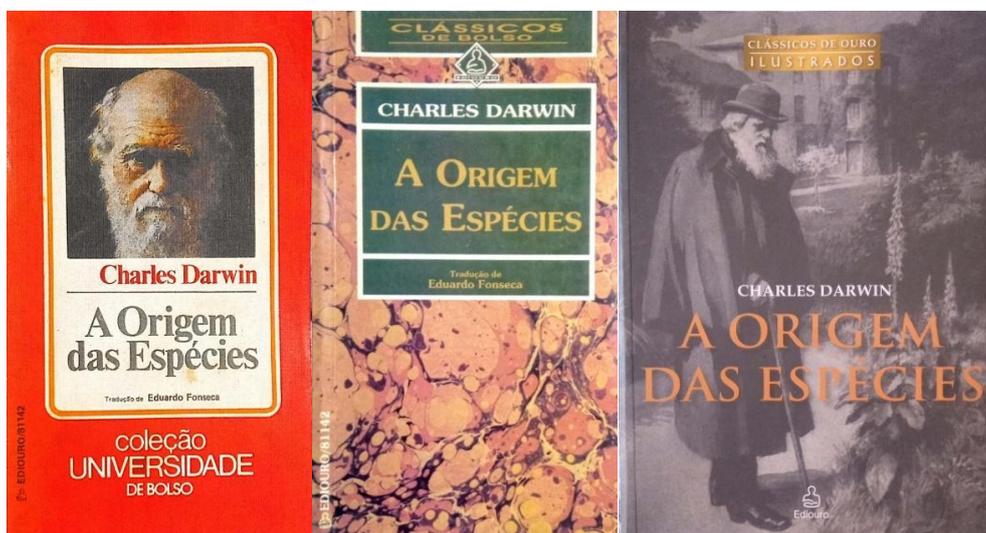
<sup>8</sup> Os trechos apresentados aqui foram retirados de H1, publicada no início da década de 1970. O texto da edição revisada de 2010 possui algumas alterações de palavras em relação às edições anteriores. Para o caso de J2, os trechos apresentados foram vertidos para a ortografia corrente da língua portuguesa em todos os quadros.

Entretanto, os plágios da Hemus não acabam por aqui. Com o licenciamento do texto para outras editoras, o texto espúrio de “Fonseca” proliferou. Algumas se retrataram futuramente, especialmente devido às investigações de Bottmann (2009), mas outras não. Além disso, outros tradutores também se juntaram a “Fonseca” no rol de pessoas que nunca existiram. Trataremos desses plágios “por procuração” a seguir.

Em 1987, a Hemus licenciou os direitos da tradução que nunca havia sido realmente sua para a Tecnoprint S.A., mais conhecida atualmente como Ediouro. Esta editora, reconhecida por sua linha editorial focada em livros de bolso (Labanca, 2009), lançou o *Origin* nas coleções “Clássicos de Bolso” (EO1) e “Universidade de Bolso” (EO2). O miolo das edições consultadas é idêntico. Infelizmente, não há data de publicação das obras, apenas o ano de cessão dos direitos. Fazendo jus à origem de seu nome, a Hemus deu um verdadeiro presente de grego para sua colega que, dando-lhe o benefício da dúvida, provavelmente não tinha conhecimento de que se tratava de um plágio.

Conforme Bottmann (2009), outros plágios do catálogo da Hemus também foram licenciados para a Ediouro, por exemplo, *Germinal* de Émile Zola e *A cidade antiga* de Fustel de Coulanges. Em 2004, a editora lançou uma versão em tamanho grande e ricamente ilustrada do *Origin*, reutilizando o mesmo texto da Hemus (EO3) (figura 3).

Figura 3 – Capas de EO1, EO2 e EO3, respectivamente.



Fonte: Do autor.

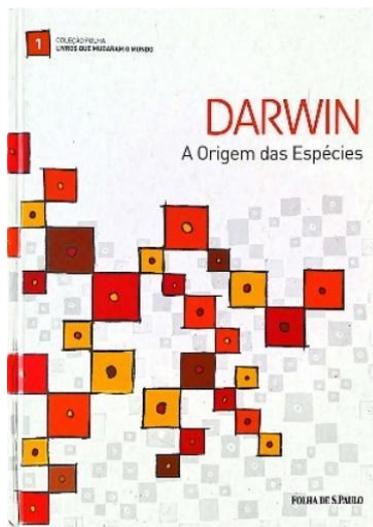
Tal proliferação do texto serve para mostrar os efeitos maliciosos que uma escolha editorial pode ter. Apenas entre edições da Hemus e da Ediouro, milhares desses exemplares espúrios circulam no Brasil. Mesmo sem examinarmos os outros plágios que

virão a seguir, já está bastante claro que a maioria dos leitores do *Origin* no Brasil continuaram lendo a tradução de Joaquim Dá Mesquita Paúl feita indiretamente a partir do francês. Mesmo que fosse uma tradução idealmente perfeita, ainda teríamos que lidar com o apagamento de seu tradutor verdadeiro para milhares de leitores resultante de uma escolha editorial desonesta feita cinco décadas atrás.

Contudo, nunca é tarde para que um pouco de justiça seja feita. Em dezembro de 2008 e março de 2009, Denise Bottmann entrou em contato com a editora para informar sobre os plágios em contínua reimpressão presentes em seu catálogo. A Ediouro explicou que havia licenciado as edições da Hemus sem saber que se tratava de plágios e que tomariam providências para retirar as obras de seu catálogo. Paulo Roberto Pires, então editor da casa, chegou a se manifestar em uma declaração no *Correio Braziliense* que apenas reiterava o licenciamento feito em acordo com a Hemus (Maciel, 2010). Em setembro de 2009, Bottmann (2009) acionou o Ministério Público contra a editora que, em 2011, foi obrigada a “[...] retirar todos os exemplares de circulação, bem como não mais publicá-los ou divulgá-los”. Assim, pelo menos neste caso, houve punição contra os plagiadores de Joaquim Dá Mesquita Paúl.

O caso da publicação da *Folha de S. Paulo* é parecido. Em setembro de 2010, o jornal lançou a coleção “Livros que mudaram o mundo”, com uma composição bastante semelhante à coleção de mesmo nome lançada alguns meses antes pelo *Público*, e também capitaneada editorialmente pela Levoir, embora ela não apareça na ficha catalográfica. A coleção da *Folha* conta com o prólogo de Hélio Schwartzman, articulista do jornal. Assim como na versão portuguesa da coleção, o *Origin* foi o primeiro volume (F1) (figura 4). A tradução apresentada aqui tem o *copyright* da Hemus e carrega a autoria espúria de “Eduardo Nunes Fonseca”, ou seja, trata-se de mais uma republicação do texto de Paúl.

Figura 4 – Capa de F1.



Fonte: Do autor.

Denise Bottmann também se envolveu com essa edição. Após criticar a tradução, Bottmann recebeu um comunicado de Murilo Bussab, então diretor de circulação e marketing da *Folha*, explicando que havia adquirido o conceito da coleção da Levoir e que ela havia adquirido os direitos das traduções de cada livro. Além disso, informou que não sabia das falhas presentes na tradução até o contato com os comentários de Bottmann e que tomaria providências para aumentar a transparência das informações sobre os títulos da coleção e para evitar que novos problemas ocorressem (Bottmann, 2009). Infelizmente, o estrago com relação ao *Origin* já havia sido feito e tanto a Levoir quanto a *Folha* entraram para a história dos plágios iniciados pela Hemus nos anos 1970.

A editora Martin Claret, fundada nos anos 1970 pelo jornalista de mesmo nome, é famosa por duas coisas: sua coleção de livros de bolso a preços baixos intitulada “A obra-prima de cada autor”, contendo obras de domínio público, e os escândalos editoriais envolvendo inúmeros plágios. Sua edição do *Origin* está envolvida com as duas coisas.

O histórico de acusações de plágios da Martin Claret começa no ano 2000 com uma intimação judicial da concorrente Companhia das Letras que havia identificado plágios de suas traduções, traduzidas por Modesto Carone, dos livros de Franz Kafka. A Martin Claret retirou o livro de circulação, indenizou o tradutor legítimo e lançou novas traduções, desta vez honestas, em 2007. Naquele mesmo ano, o jornalista Euler da França Belém denunciou o plágio da *República* de Platão. Conforme apurado por Belém, o plágio havia sido feito a partir da tradução portuguesa de Maria Helena da Rocha Pereira. Martin Claret, o editor, logo admitiu o plágio e afirmou que encomendaria uma nova edição. Naquela mesma época, o célebre tradutor Ivo Barroso (1929-2021) identificou um plágio

da obra *As flores do mal*, de Charles Baudelaire. O jornalista Luiz Fernando Vianna, ainda em 2007, informa que *Os irmãos Karamazov*, de Liev Tolstói, também constituía um plágio e que as notas de rodapé da editora Hedra haviam sido copiadas em uma edição das *Metamorfoses* de Ovídio da Martin Claret. Em uma reportagem seguinte, somos informados que a editora já havia reconhecido os erros apontados e tomado providências, com exceção dos títulos *As flores do mal* e *Os irmãos Karamazov* (Belém, 2007; Barroso [2007?]; Vianna, 2007; Folha, 2007).

Essas acusações, contudo, não passam da ponta do *iceberg* de plágios cometidos pela editora Martin Claret. Em 2008, Denise Bottmann começou uma profunda investigação do catálogo da editora chegando a elencar 160<sup>9</sup> edições entre plágios confirmados, suspeitas de plágio e fichas cadastrais conflitantes, apresentando números não registrados ou constando o nome de tradutores em clássicos da língua portuguesa, por exemplo. Em 2009, a pesquisadora acionou o Ministério Público contra a Martin Claret. O inquérito foi arquivado em 2010<sup>10</sup>, mas por volta dessa época a editora já havia começado a contratar novos tradutores para retificar seus títulos. Mais um desdobramento das práticas editoriais da Martin Claret veio à tona em 2012, este também devido à iniciativa de Bottmann, com uma investigação interna conduzida pela Fundação Biblioteca Nacional para averiguar a violação do edital do Cadastro Nacional de Títulos de Baixo Preço que proibia plágios explicitamente (Bottmann, 2008-; L&PM Editores, 2009; Strecker, 2009; Maciel, 2010; Lindoso, 2012). Todas as consequências do que foi explicado até aqui foram bem sumarizadas pelo articulista Vinícius M. R. de Carvalho, em um artigo publicado na *Revista A!*:

O crime é fruto da concorrência entre editoras e da maneira como a Martin Claret decidiu reduzir os seus custos de produção. Primeiro, elegeu apenas obras disponíveis em domínio público para explorar comercialmente. Depois, diante da realidade da legislação brasileira, que resolve o problema metafísico da tradução com a caneta, ao escrever, como simples norma, que esta se define como “criação intelectual nova” ou “criação do espírito dotada de originalidade”, dotada, portanto, dos seus próprios direitos autorais, ainda que derivada de obra previamente depositada em domínio público; diante desta realidade, pois, a Martin Claret decidiu camuflar as suas “criações de espírito dotadas de originalidade” de modo a não cometer o crime muito explicitamente. Finalmente, contando com a redução de seus custos de produção, a Martin Claret vendeu os seus livros a preços excepcionalmente baixos no mercado e foi aceita no Programa Nacional do Livro de Baixo Preço, a partir do qual vários dos seus títulos abarrotaram as estantes de mais de 2.700 bibliotecas públicas. (Carvalho, 2014).

---

<sup>9</sup> Número calculado a partir da lista apresentada em Bottmann (2008-). Em sua denúncia ao ministério público, ela informa que seriam 200 obras fraudadas (L&PM Editores, 2009).

<sup>10</sup> Outra fonte diz que ele correu até 2011, mas sem maiores consequências (O Tempo, 2011).

Vejamos agora como as edições do *Origin* lançadas pela Martin Claret se encaixam nesta história.

Em 2001, foi lançada a primeira edição do *Origin* pela Martin Claret como parte da Série Ouro (destinada a livros com mais de 400 páginas) da “Coleção obra-prima de cada autor” (MC1) (figura 5). O tradutor creditado no livro é “John Green”, mas, segundo Bottmann (2009-), em sua ficha cadastral no extinto serviço de ISBN da Fundação Biblioteca Nacional<sup>11</sup> constava Jean Melville, um dos vários pseudotradutores frequentemente utilizados pela Martin Claret. Desta vez, contudo, não se trata de uma reimpressão do texto composto pela Hemus, mas uma amálgama deste com a tradução legítima de Eugênio Amado (EA1), uma tradução baseada na primeira edição do *Origin*, não na sexta como a de Paúl e, conseqüentemente, a da Hemus. Assim como no caso anterior, Bottmann (2009-) fez um cotejo demonstrando o plágio ao qual faremos coro com mais alguns trechos selecionados (Quadro 2). Vale lembrar que não tivemos acesso a um exemplar de 2001, razão pela qual utilizamos a tradução mais antiga que pudemos localizar (MC2).

---

<sup>11</sup> A consulta pelo CBL não mostra apenas título, editora, autor, assunto, ano de atribuição do ISBN, além do próprio número de ISBN. Buscando pelo número de ISBN-13 (9788572325840) hoje obtemos: título “Sobre a origem das espécies”; atribuído em 2021; autor e assunto não informados. O número de ISBN-10 não possui registro.

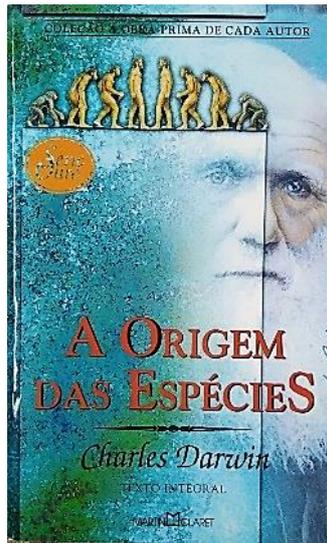
Quadro 2 - Comparação textual entre as traduções de "Eduardo [Nunes] Fonseca", Eugênio Amado e "John Green".

“Eduardo [Nunes] Fonseca”	Eugênio Amado	“John Green”
<p>Proponho-me noticiar a largos traços o progresso da opinião relativamente à origem das espécies. <u>Até há bem pouco tempo a maioria dos naturalistas admitia que as espécies eram produções imutáveis criadas separadamente.</u> Numerosos cientistas defenderam habilmente esta possibilidade. Outros, pelo contrário, admitiam que as espécies provinham de formas preexistentes através da geração regular. Deixando de lado as alusões que, a tal respeito, se encontram nos autores antigos, Buffon foi o primeiro, nos tempos modernos, a tratar deste assunto de maneira essencialmente científica. <u>Contudo, como as suas opiniões variavam muito de época para época, e não trata nem das causas, nem dos meios de transformação da espécie, é inútil entrar aqui em minúcias com referência aos seus trabalhos</u> (H1, p. 9).</p>	<p>Farei a seguir um breve relato <u>do progresso da opinião acerca do problema da origem das espécies.</u> Até recentemente., a grande maioria dos naturalistas acreditava que as espécies seriam produções imutáveis, cada qual criada separadamente. <u>Esse ponto de vista foi habilmente sustentado por diversos autores.</u> Por outro lado, <u>uns poucos naturalistas acreditavam que as espécies seriam suscetíveis de modificações, e que as atuais formas de vida constituíram os descendentes diretos de outras formas pré-existentes.</u> Deixando de lado as alusões dos autores clássicos a propósito desse assunto, <u>o primeiro que dele tratou nos tempos modernos com espírito científico foi Buffon;</u> todavia, como suas opiniões variaram enormemente de uma época para outra, e como ele não aborda a fundo as causas ou os meios referentes à transformação das espécies, não precisarei de entrar aqui em pormenores a seu respeito (EA1, p. 33).</p>	<p>Relato, a seguir, o progresso da opinião sobre o problema da origem das espécies. <u>Até pouco tempo atrás, a maioria dos naturalistas era da opinião de que as espécies seriam produções imutáveis, criadas separadamente.</u> <u>Esse ponto de vista foi sustentado por muitos autores.</u> Outros, no entanto, acreditavam que as espécies sofriam modificações, e que as formas de vida atuais eram os descendentes diretos de outras formas preexistentes. <u>Deixando de lado as opiniões dos autores clássicos sobre este assunto, o primeiro que o abordou nos tempos modernos com enfoque científico foi Buffon;</u> porém, uma vez que suas opiniões variavam muito de uma época para a outra, e como ele não trata <u>nem das causas, nem dos meios referentes à transformação das espécies, não entrarei em detalhes a respeito de seu trabalho</u> (MC2, p. 51-2).</p>
<p>São tão extraordinários muitos dos instintos que o seu desenvolvimento parecerá sem dúvida, ao leitor, um obstáculo suficiente para solapar toda a minha teoria. Começo por notar que não tenho mais o propósito de procurar a origem das faculdades mentais do que as da vida. Temos, com efeito, apenas que nos ocupar das diversidades do instinto e das outras faculdades mentais nos</p>	<p><u>Poderíamos ter tratado deste tema nos capítulos precedentes, mas achei que seria mais conveniente examiná-lo à parte, especialmente porque deve ter ocorrido a muitos leitores que um instinto tão maravilhoso como o que leva as abelhas a construírem seus favos talvez constitua uma objeção suficiente séria para derrubar toda a minha teoria.</u></p>	<p><u>Este tema poderia ter sido abordado nos capítulos anteriores, mas considere que seria melhor examiná-lo a parte, principalmente porque deve ter ocorrido a muitos leitores que um instinto tão maravilhoso quanto o que leva as abelhas a construírem seus favos seja uma objeção bastante séria para derrubar toda a minha teoria. Quero deixar</u></p>

<p>animas da mesma classe (H1, p. 229).</p>	<p><u>Quero frisar que não pretendo de modo algum tratar da origem da vida. Interessam-nos apenas as diversidades dos instintos e das outras qualidades mentais dos animais pertencentes à mesma classe</u> (EA1, p. 185).</p>	<p><u>claro aqui que não tenho a intenção de tratar da origem das capacidades mentais primárias, assim como não pretendo abordar a origem da vida. O que nos interessa são apenas a diversidade dos instintos e das demais qualidades mentais dos animais que pertencem a uma mesma classe.</u> (MC2, p. 319)</p>
<p><u>Examinemos agora se as leis e os fatos relativos à sucessão geológica dos seres organizados concordam melhor com a teoria comum da imutabilidade das espécies do que com a da sua modificação lenta e progressiva, por via da descendência e da seleção natural</u> (H1, p. 317).</p>	<p>Vejamos agora se os diversos fatos e regras relativos à sucessão geológica dos seres organizados concordam mais com a ideia geralmente aceita da imutabilidade das espécies, ou com a de sua modificação lenta e gradual, através da descendência e da seleção natural (EA1, p. 253).</p>	<p><u>Examinemos agora se as leis e os diversos fatos relativos à sucessão geológica dos seres vivos concordam mais com a teoria comum da imutabilidade das espécies, ou com a de sua modificação lenta e progressiva, por via da descendência e da seleção natural</u> (MC2, p. 423).</p>

Fonte: Dos autores.

Figura 4 - Capa de MC1.



Fonte: Do autor.

Alguns anos depois das movimentações de Denise Bottmann contra a Martin Claret, a editora lançou uma nova tradução do *Origin*, desta vez uma tradução legítima realizada pelo casal Carlos e Anna Duarte em 2014. A obra conta com uma versão de bolso e uma “de luxo” em capa dura e segue em catálogo até hoje.

No ano de 2004, a editora Madras, especializada em livros esotéricos, lançou sua própria edição do *Origin* (MA1) (figura 6). Na capa do livro está a icônica foto de Darwin já idoso com seu chapéu e olhar penetrante, tirada por Elliott e Fry em 1881. O miolo do livro, contudo, é bastante familiar, tratando-se de um novo plágio do texto de Paúl, feito a partir do plágio prévio da Hemus, com suposta autoria de Caroline Kazue Ramos Furukawa. Assim como nos outros casos, um breve cotejo com a tradução original já denuncia o crime (Quadro 3).

Quadro 3 - Comparação textual entre as traduções de Joaquim Dá Mesquita Paúl e "Caroline Kazue Ramos Furukawa". Os termos alterados foram destacados.

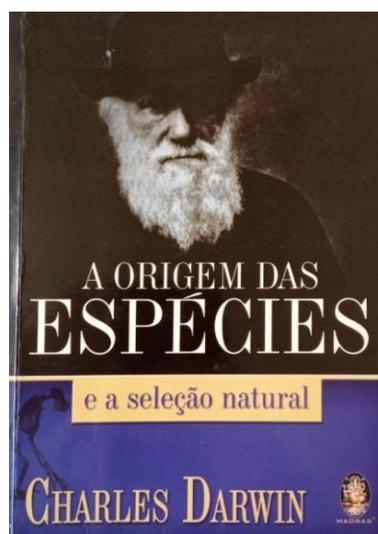
Joaquim Dá Mesquita Paúl <sup>12</sup>	“Caroline Kazue Ramos Furukawa”
Proponho-me noticiar a largos traços o progresso da opinião relativamente à origem das espécies. Até há bem pouco tempo, a maior parte dos naturalistas supunha que as espécies eram produções imutáveis criadas separadamente. Numerosos sábios defenderam habilmente esta hipótese. Outros, pelo contrário, admitiam que as espécies provinham	Proponho-me a demonstrar, em pormenores, o progresso da opinião em relação à origem das espécies. Há muito pouco tempo, a maioria dos naturalistas declarava que as espécies eram produções imutáveis criadas separadamente. Vários cientistas defenderam tal possibilidade. Outros, por outro lado, declaravam que elas provinham de formas preexistentes, mediante a

<sup>12</sup> Os trechos apresentados aqui foram vertidos para a ortografia corrente da língua portuguesa.

<p>de formas preexistentes por intermédio da geração regular. Pondo de lado as alusões que, a tal respeito, se encontram nos autores antigos, Buffon foi o primeiro que, nos tempos modernos, tratou este assunto de um modo essencialmente científico. Todavia, como as suas opiniões variavam muito de época para época, e não trata nem das causas, nem dos meios de transformação da espécie, é inútil entrar aqui em maiores minudências a respeito dos seus trabalhos (J2, p. vii).</p>	<p>geração regular. Não considerando as alusões encontradas em autores antigos, Buffon foi o primeiro, atualmente, a tratar deste assunto de maneira essencialmente científica. Não obstante, como suas opiniões variavam de época para época e não trata nem das causas, nem dos meios de transformação da espécie, entrar em pormenores com relação aos seus trabalhos é inútil (MA1, p. 9-10).</p>
<p>Começo por constatar que não tenho mais a intenção de procurar a origem das faculdades mentais do que as da vida. Temos, com efeito, apenas que nos ocupar das diversidades do instinto e das outras formas mentais nos animas da mesma classe (J2, p. 223).</p>	<p>Começo a notar que não tenho o propósito de procurar a origem das faculdades mentais mais do que as da vida. Temos, com efeito, apenas que nos ocupar das diversidades do instinto e das outras faculdades mentais nos animas da mesma classe (MA1, p. 219).</p>
<p>Examinemos agora se as leis e os fatos relativos à sucessão geológica dos seres organizados concordam melhor com a teoria ordinária da imutabilidade das espécies do que com a da sua modificação lenta e gradual, por via da descendência e da seleção natural (J2, p. 315).</p>	<p>Examinemos agora se as leis e os fatos relativos à sucessão geológica dos seres organizados estão mais de acordo com a teoria comum da imutabilidade das espécies do que com a da sua modificação lenta e progressiva, por meio da descendência e da seleção natural (MA1, p. 301).</p>

Fonte: Do autor.

Figura 6 - Capa de MA1.



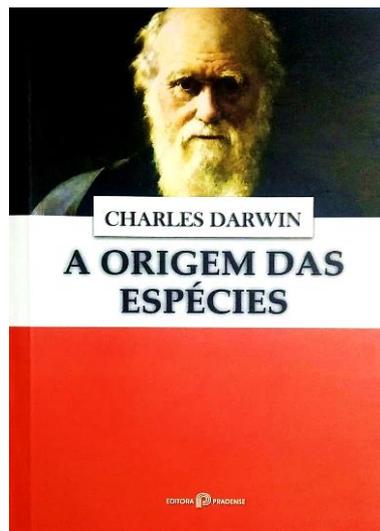
Fonte: Do autor.

A diferença neste caso é que, ao contrário de Eduardo Fonseca e John Green, Caroline Furukawa realmente existe. Após identificar o plágio em seu *blog* a partir de

uma reedição de 2009, Bottmann foi contatada pela advogada de Furukawa, informando que ela não havia prestado nenhum serviço de tradução para a empresa e que estava tomando providências judiciais contra o uso de seu nome (Bottmann, 2009-). Em 2011, a Madras lançou uma nova edição com tradução legítima de Soraya [Borges de] Freitas, examinada para esta pesquisa a partir de uma reedição de 2017.

Há ainda um último plágio a ser analisado, desta vez pela gaúcha Editora Pradense em 2017 (PR1) (figura 7). A lição que essa publicação nos ensina é que mesmo após sucessivas retratações de plágios antigos por outras editoras, nada impede que a apropriação indébita de traduções siga acontecendo impunemente no futuro. O texto publicado aqui, alegadamente traduzido por M. A. Ziegler (que não existe), é plagiado diretamente da tradução de Joaquim Dá Mesquita Paúl. Também vale lembrar que o ISBN que consta na publicação não foi devidamente registrado.

Figura 7 – Capa de PR1.



Fonte: Do autor.

### **O lugar do plágio no processo de transferência cultural: estratégia mercadológica editorial**

Quando se fala de traduções, necessariamente se fala do processo de recepção de ideias estrangeiras. Falar das traduções do *Origin* é falar sobre a recepção do darwinismo no Brasil, um processo historiográfico fundamental para a compreensão da apropriação dessas ideias aqui. Contudo, tendo em mente as ideias de Pierre Bourdieu (1989/2002) e Michel Espagne (2013/2017), recepção pressupõe transmissão.

Bourdieu (1989/2002) afirma que o processo de transmissão cultural das ideias é algo ativo, ou seja, decorre de vontades a serem atingidas por este ou aquele motivo. O processo de transferência passaria por três operações: a seleção do que traduzir, não traduzir, retraduzir etc.; a marcação da obra com informações editoriais; e, finalmente, o processo de leitura, no qual o público leitor passa pelo desafio de compreender uma obra produzida em um contexto muito diferente do seu.

Cada um desses processos abre espaço para diversas perguntas: por que publicar esse ou aquele livro? Quem o traduzirá? Quem o prefaciará caso seja julgado que um prefácio será proveitoso? Como os leitores interpretarão as ideias daquela obra a seu próprio contexto? Muitas mais perguntas poderiam ser feitas. Mas a que nos interessa aqui é como o plágio enquanto ferramenta mercadológica se encaixa nessas operações.

Ao menos no caso estudado acima, percebemos que o *Origin*, embora não seja um livro literário, é escolhido para fazer parte de coleções de “grandes clássicos universais” ou publicado por editoras que não publicam outros livros científicos. Essencialmente, Darwin é encarado como um filósofo cuja obra em domínio público está livre para ser traduzida sem a necessidade de tradutores especializados como ocorreria no caso de um livro técnico de biologia atual. O *Origin* está livre para a formação de um catálogo de baixo custo, essa é a razão pela qual é selecionado.

Ninguém espera que editoras escolham livros sem a intenção de obter lucros, a questão aqui é a ênfase tão acentuada no aspecto mercadológico, ao ponto de o plágio ser praticado enquanto forma de cortar custos. Dessa forma, é possível compreender, na operação de marcação, a atribuição a um nome espúrio para enganar o leitor, que compra a edição acreditando ser uma tradução legítima.

Ao falar dos leitores, pensamos nas operações de leitura e nos mal-entendidos, modificações, adaptações e apropriações de ordem filosófico-cultural que podem ocorrer. Sabemos que a tradução de Paúl de 1913 é uma tradução do texto de Barbier de 1880 que, por sua vez, é uma tradução da sexta edição do *Origin of species* publicada em 1872. Essa é uma carga contextual pesada que pode afetar a percepção do leitor, mas que é dele escondida, fazendo com que acredite estar lendo uma tradução direta, o que pode afetar sua interpretação. Conforme diz Espagne (2013;2017, p. 145), “tradução evidencia o fato de que os conceitos estão enraizados em contextos semânticos e que o deslocamento do contexto semântico relacionado à tradução representa uma nova construção de sentido”, ou seja, uma tradução portuguesa de 1913 não necessariamente atende às necessidades do Brasil hoje.

Na clássica obra dos Estudos da Tradução *A invisibilidade do tradutor*, Lawrence Venuti nos conta o caso do escritor e tradutor italiano Iginio Ugo Tarchetti (1839-1869). Dentre outros aspectos da prática de tradução estrangeirizante de Tarchetti, há o caso de uma tradução-adaptação para o italiano do conto “*The mortal immortal*” [O mortal imortal] de Mary Shelley (1797-1851) publicada sem atribuição da autora, portanto um plágio. Guardadas as devidas proporções que o termo tinha na época, quando sistemas internacionais de direitos autorais ainda não eram tão desenvolvidos quanto hoje, Venuti (2008, p. 137) interpreta o ato de Tarchetti como uma tradução estrangeirizante que desafiava a noção romântica de autoria individualizada da burguesia italiana da época ao querer alterar o cânone italiano trazendo contos fantásticos em oposição ao realismo que imperava naquele contexto. Assim, sua própria invisibilidade enquanto *tradutor* possibilitou uma tradução estrangeirizante devido a sua visibilidade enquanto *autor* (Venuti, 2018, p. 152). Anthony Pym (1996, p. 169-70), por sua vez, criticou essa “celebração” do plágio, afirmando que talvez a relação de autoria de uma pessoa com seu texto não caracterize uma relação de repressão a ser combatida.

À parte disso, o que mais nos preocupa aqui é a ênfase dada à *escolha* do tradutor. No caso histórico em questão, o tradutor tinha liberdade para escolher o que e como traduzir. Atualmente, isso não é possível (ou é extremamente oneroso) devido à contratualização das relações de tradução e à formalização dos direitos autorais em âmbito internacional, como aponta o próprio Venuti (2008, p. 152).

Se, para Tarchetti, o plágio foi discutido enquanto forma de o tradutor se tornar mais visível, o que observamos no caso da tradução do *Origin* de Paúl é o completo oposto. Aqui vemos práticas mercadológicas nas quais se dá a invisibilização máxima do tradutor. Já segregado de parte de seu trabalho devido às relações comerciais padrões de tradução, Paúl experencia a alienação máxima ao ter o nome retirado de seu legado.

Embora tenhamos visto acima que a prática de plágios foi comum no Brasil ao menos entre algumas editoras, ela está longe de ser um fenômeno localizado. Na verdade, situações muito semelhantes às descritas acima foram denunciadas por Alberto Fuertes (2015) na Espanha e por Mehmet Şahin, Derya Duman e Sabri Gürses (2015) na Turquia. Ambos encontraram um mercado de retraduições literárias (publicações de traduções diferentes a partir de um mesmo texto-fonte) que eram essencialmente plágios em maior ou menor grau.

Com respeito ao *Origin*, a situação nem é tão complicada quanto poderia ser. O plágio se restringiu essencialmente ao texto de Paúl conscientemente, como no caso da

Hemus, Martin Claret, Madras e Pradense, ou desavisadamente, como ocorre com as publicações da Ediouro e da Folha. Ainda, não se trata de um caso de “plágio de plágio; metaplágio ou supraplágio” bastante comum na Turquia, no qual plágios são plagiados novamente, isto é, são reescritos ou maquiados e republicados novamente sob a alcunha de outro tradutor (muitas vezes fictício) (Şahin; Duman; Gürses, 2015, p. 212).

Por fim, devemos lembrar de algumas questões: o *Origin*, embora pareça ser tratado como um clássico universal por algumas editoras, é uma obra de literatura científica. Talvez seja por isso que não existam ainda mais retraduições e plágios da obra, uma vez que seu potencial de vendas pode ser percebido como reduzido quando comparado com aquele de uma obra literária. Além disso, retraduições têm motivos legítimos para existirem, por exemplo, substituir traduções insatisfatórias, indiretas ou datadas, (que poderia ser o caso da tradução legítima de Eugênio Amado (EA1) em relação a J1), mas os plágios vistos aqui parecem ser apenas um modo de reduzir custos ou aumentar lucros por meio da reedição de obras em domínio público, evitando pagar um profissional para retraduzi-las. Assim, colhem-se os frutos de uma tradução nova e legítima sem incorrer nos custos de semeá-los.

### **Considerações finais**

Nosso objetivo com esta pesquisa era compreender o papel do plágio na história das traduções do *Origin of species*, de Charles Darwin, para o português. Primeiro apresentamos sua ocorrência repetida ao longo de décadas, para então entender sua relação com o contexto maior que o cerca.

Três questões principais podem ser depreendidas desta pesquisa: 1) o *Origin* foi frequentemente tratado como um clássico da literatura universal, não como um livro científico, ou seja, como mais um volume para engrossar coleções e catálogos de obras em domínio público. Assim, ele já é pensado dentro de uma lógica de corte de custos que, em alguns casos, afeta a tradução e se manifesta na forma de plágios; 2) ocorre portanto, um apagamento máximo do tradutor plagiado cujo texto é reatribuído a um nome fictício, sua voz é retirada e, para além de invisível, o tradutor fica mudo; 3) o plágio afeta todas as operações de transferência cultural desde a seleção do livro devido ao primeiro ponto discutido acima, passando pela marcação editorial definida no segundo ponto, até o processo de leitura que fica nublado devido ao contexto que é intencionalmente escondido do leitor, dificultando uma leitura informada e crítica do texto traduzido, por conseguinte,

possivelmente interferindo na recepção do autor e, certamente, violando a confiança dos compradores.

Para além disso, fazemos coro a Fuertes (2015) na Espanha e a Şahin, Duman e Gürses (2015) na Turquia quanto à necessidade de mais estudos sobre o plágio em tradução. Os paralelos entre o Brasil e esses países são frequentes, mas está fora de nosso escopo aqui uma pesquisa estruturada que analise qualitativamente e quantitativamente a prática do plágio ao longo da história da tradução brasileira. A própria análise dos plágios do *Origin* poderia ser enriquecida seguindo os protocolos quantitativos de comparação (Turell, 2004; Şahin *et al.*, 2019). Ficam apontadas, assim, vias para futuros trabalhos.

## Referências das traduções

### Traduções do *Origin of Species* para o português utilizadas nesse trabalho

- J1 - Origem das espécies.** Trad. Joaquim Dá Mesquita Paúl a partir da 6 ed. (1872) conforme traduzida para o francês por Edmond Barbier. Porto: Livraria Chardron, de Lello & Irmão, 1913. (Biblioteca Racionalista).
- J2 - Origem das espécies.** Trad. Joaquim Dá Mesquita Paúl a partir da 6 ed. (1872) conforme traduzida para o francês por Edmond Barbier. Porto: Lello & Irmão - Editores, 1961. (Biblioteca Racionalista).
- H1 - A origem das espécies.** Trad. Eduardo Fonseca [Joaquim Dá Mesquita Paúl a partir da 6 ed. (1872) conforme traduzida para o francês por Edmond Barbier]. Ilustrações de Edmundo Rodrigues. São Paulo: Hemus Livraria Editora Ltda., [1973-1979].
- EO1 - A origem das espécies.** Trad. Eduardo Fonseca [Joaquim Dá Mesquita Paúl a partir da 6 ed. (1872) conforme traduzida para o francês por Edmond Barbier]. [S. l.]: Editora Tecnoprint S.A., [1986-]. (Universidade de Bolso, n. 81142).
- EO2 - A origem das espécies.** Trad. Eduardo Fonseca [Joaquim Dá Mesquita Paúl a partir da 6 ed. (1872) conforme traduzida para o francês por Edmond Barbier]. [S. l.]: Editora Tecnoprint S.A., [1986-]. ISBN-10: 8500811420. (Clássicos de Bolso, n. 81142).
- EO3 - A origem das espécies.** Trad. Eduardo Fonseca [Joaquim Dá Mesquita Paúl a partir da 6 ed. (1872) conforme traduzida para o francês por Edmond Barbier]. il. Rio de Janeiro: Ediouro, 2004. ISBN-10: 8500015454. (Clássicos de Ouro Ilustrados).

- F1 - A origem das espécies.** Trad. Eduardo Nunes Fonseca [Joaquim Dá Mesquita Paúl a partir da 6 ed. (1872) conforme traduzida para o francês por Edmond Barbier]. São Paulo: Folha de S. Paulo, 2010. ISBN-13: 9788563270221. (Livros que mudaram o mundo, v. 1).
- MC1 - A origem das espécies.** Trad. “John Green” [Joaquim Dá Mesquita Paúl a partir da 6 ed. (1872) conforme traduzida para o francês por Edmond Barbier e Eugênio Amado a partir da 1 ed. (1859)]. São Paulo: Martin Claret, 2001. ISBN-10: 8572325840. (Coleção obra-prima de cada autor - Série ouro, v. 23).<sup>13</sup>
- MC2 - A origem das espécies.** Trad. “John Green” [Joaquim Dá Mesquita Paúl a partir da 6 ed. (1872) conforme traduzida para o francês por Edmond Barbier e Eugênio Amado a partir da 1 ed. (1859)]. São Paulo: Martin Claret, 2007. ISBN-10: 8572325840. (Coleção obra-prima de cada autor - Série ouro, v. 23).
- EA1 - Origem das espécies.** Trad. Eugênio amado a partir da 1 ed. (1859). São Paulo: Edusp; Belo Horizonte: Editora Itatiaia, 1985. (Grandes obras da cultura universal, v. 7).
- MA1 - A origem das espécies e a seleção natural.** Trad. Caroline Kazue Ramos Furukawa [Joaquim Dá Mesquita Paúl a partir da 6 ed. (1872)]. São Paulo: Madras, 2004. ISBN-10: 8573748753.
- PR1 - A origem das espécies.** Trad. M. A. Ziegler [Joaquim Dá Mesquita Paúl a partir da 6 ed. (1872) conforme traduzida para o francês por Edmond Barbier]. Porto Alegre: Editora Pradense, 2017. ISBN-13: 97885829404457.

## Referências

AZADOVSKII, Konstantin; EGOROV, Boris. From Anti-Westernism to Anti-Semitism: Stalin and the Impact of the “Anti-Cosmopolitan” Campaigns on Soviet Culture. *Journal of Cold War Studies*, v. 4, n. 1, p. 66–80, 2002.

BARROSO, Ivo. Flores roubadas do jardim alheio. *Jornal de Poesia*, [2007?]. Disponível em: <http://www.jornaldepoesia.jor.br/ibarroso3.html>. Acesso em: 11/09/2023.

BELÉM, Euler de França. A república da pirataria. *Jornal opção*, Goiânia, 14 a 20 de outubro de 2007. Disponível em: <https://web.archive.org/web/20080523082905/http://www.jornalopcao.com.br/index.asp?secao=Imprensa&subsecao=Colunas&idjornal=259>. Acesso em: 11/09/2023.

<sup>13</sup> Não foi possível examinar um exemplar de 2001 especificamente, os dados referidos aqui foram observados em uma reimpressão de 2007 de uma edição de 2004.

BENNETT, Karen. Translation on the semi-periphery: Portugal as cultural intermediary in the transportation of knowledge. In: MAIA, Rita B.; PINTO, Marta P.; PINTO, Sara R. (eds.). **How peripheral is the periphery? Translating Portugal back and forth: essays in honour of João Ferreira Duarte**. Newcastle upon Tyne: Cambridge Scholars Publishing, p. 3-20, 2015b.

BOM DOMINGO. Vultos do Brasil. **Bom domingo**: jornal de fim de semana, Curitiba, ano I, n. 35, p. 23, 7/8 de maio de 1988. Suplemento do Correio de Notícias, ano VII, n. 2073. Disponível em:

[http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=325538\\_01&pesq=hemus%20behar&pasta=ano%20198&hf=memoria.bn.br&pagfis=25880](http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=325538_01&pesq=hemus%20behar&pasta=ano%20198&hf=memoria.bn.br&pagfis=25880). Acesso em: 11/09/2023.

BORGES, França (Ed.). **Almanach d'O Mundo para 1909**. Lisboa: Imprensa Libanio da Silva, 1908. Disponível em: [https://purl.pt/16585/4/350968\\_PDF/350968\\_PDF\\_24-C-R0150/350968\\_0000\\_1908-1914\\_t24-C-R0150.pdf](https://purl.pt/16585/4/350968_PDF/350968_PDF_24-C-R0150/350968_0000_1908-1914_t24-C-R0150.pdf). Acesso em: 11/09/2023.

BOTTMANN, Denise. Postagens marcadas com o rótulo “Darwin”. **Blog Não gosto de plágio**. 2009-. Disponível em:

<http://naogostodeplagio.blogspot.com/search/label/darwin>. Acesso: 11/09/2023.

BOTTMANN, Denise. Postagens marcadas com o rótulo “Martin Claret”. **Blog Não gosto de plágio**. 2008-. Disponível:

<http://naogostodeplagio.blogspot.com/search/label/martin%20claret>. Acesso em: 11/09/2023.

BOURDIEU, Pierre. As condições sociais da circulação internacional das ideias. Trad. por Fernanda Abreu. **Enfoques**, v. 1, n. 1, p. iv-xv, 1989/2002. Disponível:

<https://revistas.ufrj.br/index.php/enfoques/article/view/12679>. Acesso em: 11/09/2023.

BRASIL. Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998. **Diário Oficial da República Federativa do Brasil**, Poder Executivo, Brasília, DF, 1998. Disponível:

[https://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/leis/19610.htm](https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/19610.htm). Acesso em: 11/09/2023.

CARVALHO, Vinícius M. R. de. Pietro Nasseti e a originalidade da tradução. **Revista A!**, 2014. Disponível: <https://revista-a.org/2014/06/04/pietro-nasseti-e-a-originalidade-da-traducao/>. Acesso em: 11/09/2023.

COELHO, Sara Otto. Lello, a livraria mais bela do mundo faz 110 anos. **Observador**, Lisboa, 13 de jan. de 2016. Disponível: <https://observador.pt/especiais/lello-livraria-bela-do-mundo-110-anos/>. Acesso em: 11/09/2023.

COURY, Yvette. **L'introduction du darwinisme en France au XIXe siècle**. Paris: Vrin, 1974. Disponível:

<https://wellcomecollection.org/works/tqjqie6m7/items?canvas=2>. Acesso: 11/09/2023.

COSTA, Felipe A. P. L. Lendo Darwin em português. **Observatório da imprensa**, 10 de jun. de 2014. Disponível: [http://www.observatoriodaimprensa.com.br/armazem-literario/ed802\\_lendo\\_darwin\\_em\\_portugues/](http://www.observatoriodaimprensa.com.br/armazem-literario/ed802_lendo_darwin_em_portugues/). Acesso em : 11/09/2023.

DARWIN, Charles R. **L'origine des espèces au moyen de la selection naturelle: ou la lutte pour l'existence dans la nature.** Trad. Edmond Barbier. Paris: C. Reinwald et Cie, 1880.

DIÁRIO DA NOITE. Brasileiro não gosta de ler? Esse livreiro não concorda. **Diário da noite**, ano LIV, n. 16375, p. 5, 29 de abril de 1979. Disponível:

<http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=093351&pesq=hemus%20behar&pasta=ano%20197&hf=memoria.bn.br&pagfis=77783>. Acesso em: 11/09/2023.

ESPAGNE, Michel. A noção de transferência cultural. Trad. por Dirceu Magri. **Jangada**, n. 9, p. 136-147, 2013/2017.

FARLEY, John. The initial reactions of French biologists to Darwin's Origin of species. **Journal of History of Biology**, v. 7, n. 2, p. 275-300, 1974.

FITAS, Augusto dos Santos. Algumas reflexões sobre “Português, língua de ciência”. **Vértice**, v. 175, p. 90-8, 2015. Disponível: <https://otc.pt/wp/2016/02/15/reflexoes-lingua/#refl>. Acesso em: 11/09/2023.

FOLHA. Claret admite dois plágios, mas nega um. **Folha de S. Paulo Ilustrada**, São Paulo, 4 de novembro de 2007. Disponível: <https://www1.folha.uol.com.br/fsp/ilustrad/fq0411200718.htm>. Acesso em: 11/09/2023.

FREITAS, Alexis Leandro de Abreu de. **Mil palavras em português para estrangeiros: análise de um livro didático de PLE da década de 1970.** Orientadora: Patrícia Maria Campos de Almeida. 2020. 40 f. TCC (Graduação) – Curso de Letras Português/Inglês, Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2020. Disponível: <https://pantheon.ufrj.br/bitstream/11422/6225/3/ALAFreitas.pdf>. Acesso em: 11/09/2023.

FUERTES, Alberto. The echoes of the translator's voice: plagiarism as a translation strategy in English-Spanish narrative translations. *In*: FUERTES, Alberto; TORRES-SIMON, Ester (eds.). **And translation changed the world (and the world changed translation)**. Newcastle upon Tyne: Cambridge Scholars Publishing, 2015. p. 123-140.

GERGOVA, Ani (Org.). **Bŭlgarska kniga: entsiklopediia [Enciclopédia do livro Búlgaro]**. Sofia: Pensoft, 2004. Disponível: [https://books.google.com.br/books?id=7RmqzPpmeGEC&printsec=frontcover&source=gbs\\_ge\\_summary\\_r&cad=0#v=onepage&q&f=false](https://books.google.com.br/books?id=7RmqzPpmeGEC&printsec=frontcover&source=gbs_ge_summary_r&cad=0#v=onepage&q&f=false). Acesso em: 11/09/2023.

GOMIS, Alberto. Darwin entre España y Portugal: una mirada desde los libros. **Boletín de la Real Sociedad Española de Historia Natural Sec. Geología.**, v. 111, p. 17-24, 2017. Disponível: <http://www.rsehn.es/cont/publis/boletines/400.pdf>. Acesso em: 11/09/2023.

JORNAL DO BRASIL. Queima de livros. **Jornal do Brasil**, ano LXXV, n. 141, p. 7, 19 de junho de 1965. Disponível: [http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=030015\\_08&hf=memoria.bn.br&pagfis=70022](http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=030015_08&hf=memoria.bn.br&pagfis=70022). Acesso em: 11/09/2023

HALLEWELL, Laurence. **O livro no Brasil: sua história**. 3 ed. Trad. Maria da Penha Villalobos, Lólio Lourenço de Oliveira e Geraldo Gerson de Souza. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2012.

KROKOSZ, Marcelo. **Autoria e plágio: um guia para estudantes, professores, pesquisadores e editores**. São Paulo: Atlas, 2012.

L&PM EDITORES. Tradutora apela ao Ministério Público contra plágios e fraudes em traduções. **L&PM Editores**, 2009. Disponível: [https://www.lpm.com.br/site/default.asp?TroncoID=805136&SecaoID=816261&SubsecaoID=0&Template=../artigosnoticias/user\\_exibir.asp&ID=828190](https://www.lpm.com.br/site/default.asp?TroncoID=805136&SecaoID=816261&SubsecaoID=0&Template=../artigosnoticias/user_exibir.asp&ID=828190). Acesso em: 11/09/2023.

LABANCA, Gabriel C. **Dos anos dourados às Edições de Ouro: a Tecnoprint e o livro de bolso no Brasil (1939-1970)**. Orientadora: Tânia Maria Tavares Bessone da Cruz Ferreira. Dissertação (Mestrado em História) – Programa de Pós Graduação em História, Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro. 2009. Disponível: <http://www.bdtd.uerj.br/handle/1/13142>. Acesso em: 11/09/2023.

LINDOSO, Felipe. Plágio, mentiras e o Programa do Livro Popular. **Blog O xis do problema**, 2012. Disponível: <http://oxisdoproblema.com.br/?p=872>. Acesso em: 11/09/2023.

LONDERO, Rodolfo R. Caçadores canibais e cabeças perigosas: a censura e o mercado de literatura pornográfica no regime 64. **Revista Eletrônica Literatura e Autoritarismo**, n. 25, p. 73-91.

MACIEL, Nahima. Palavras Replcladas. **Correio braziliense**, n. 17085, Diversão e Arte, p. 4, 27 de fevereiro de 2010. Disponível: [http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=028274\\_06&pesq=hemus&pasta=ano%20201&hf=memoria.bn.br&pagfis=5214](http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=028274_06&pesq=hemus&pasta=ano%20201&hf=memoria.bn.br&pagfis=5214). Acesso em: 11/09/2023.

MACHADO, Cristina de Amorim. Tradução científica em língua portuguesa: o caso da Origem das espécies de Charles Darwin. **Tradução em revista**, v. 26, n. 1, 2019. p. 59-84.

MEMÓRIA EMPRESARIAL. Como despertar soluções estocadas. **Memória empresarial**, [São Paulo], ano XXVIII, n. 118, 10 de julho de 1994. Disponível: [https://www.empresario.com.br/memoria/entrevista.php3?pic\\_me=317](https://www.empresario.com.br/memoria/entrevista.php3?pic_me=317). Acesso em: 11/09/2023.

O TEMPO. Traduções suspeitas de plágio. **O tempo**, Belo Horizonte, 24 de janeiro de 2011. Disponível: <https://www.otempo.com.br/diversao/magazine/traducoes-suspeitas-de-plagio-1.378631>. Acesso em: 11/09/2023.

OLOHAN, Maeve. Scientific translation. In: BAKER, Mona; SALDANHA, Gabriela (eds.). **Routledge Encyclopedia of Translation Studies**. Londres: Routledge, 2020. p. 510–514. Disponível: [https://www.research.manchester.ac.uk/portal/files/120621772/Olohan2020ScientificTranslation\\_RoutledgeEncyclopedia.pdf](https://www.research.manchester.ac.uk/portal/files/120621772/Olohan2020ScientificTranslation_RoutledgeEncyclopedia.pdf). Acesso em: 11/09/2023.

OLOHAN, Maeve; SALAMA-CARR, Myriam. Translating science. **The Translator**, v. 17, n. 2, p. 179–188, 2011.

PEREIRA, Ana Leonor. **Darwin em Portugal**: filosofia, história, engenharia social (1865-1914). Coimbra: Editora Almedina, 2001.

PEREIRA, Ana Leonor. The reception of Darwin in Portugal (1865-1914). **Revista Portuguesa de Filosofia**, v. 66, n. 3, p. 643-60, 2010.

PIMENTEL, Filipe. O que é plágio e como evitar. **GZH**, Porto Alegre, 10 de fevereiro de 2023. Disponível: <https://gauchazh.clicrbs.com.br/educacao-e-emprego/noticia/2023/02/o-que-e-plagio-e-como-evitar-cldkfw0zf001o01571ebw8fwb.html>. Acesso em: 11/09/2023.

PORTUGAL. Lei 16 de abril de 2008. **Diário da República**, Lisboa, 2008. Disponível: <https://diariodarepublica.pt/dr/detalhe/lei/16-2008-246532>. Acesso em: 11/09/2023.

PYM, Anthony. Venuti's visibility. **Target**, v. 8, n. 1, p. 165-177, 1996.

SARAIVA, Rodrigo Araújo. **O efetivo combate ao crime de plágio**: o respeito à função social da propriedade imaterial e a produção científica como foco. Orientador: Pedro Freitas. Dissertação (Mestrado em Criminologia) – Universidade Fernando Pessoa, Porto, 2018. Disponível: [https://bdigital.ufp.pt/bitstream/10284/6828/1/DM\\_Rodrigo%20Saraiva.pdf](https://bdigital.ufp.pt/bitstream/10284/6828/1/DM_Rodrigo%20Saraiva.pdf). Acesso em: 11/09/2023.

SUPREMO TRIBUNAL DE JUSTIÇA. Plágio: quando a cópia vira crime. **JusBrasil**. 2012. Disponível: <https://www.jusbrasil.com.br/noticias/plagio-quando-a-copia-vira-crime/3174944>. Acesso em: 11/09/2023.

NISKIER, Arnaldo. Encontro do belo na Lello. **Jornal do Commercio**, Rio de Janeiro, ano CLXXXIV, n. 48, p. 14, 10, 11 e 12 de dezembro de 2010. Disponível: [http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=364568\\_20&pasta=ano%20201&pesq=&pagfis=32358](http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=364568_20&pasta=ano%20201&pesq=&pagfis=32358). Acesso: 11/09/2023.

REVISTA FATOR BRASIL. Uma editora jovem com 54 anos de história, **Portal Revista Fator Brasil**, 2009. Disponível: [https://www.revistafatorbrasil.com.br/ver\\_noticia.php?not=97418](https://www.revistafatorbrasil.com.br/ver_noticia.php?not=97418). Acesso em: 11/09/2023.

VENUTI, Lawrence. **The translator's invisibility**: a history of translation. 2 ed. Londres: Routledge, 2008.

VIANNA, Luiz Fernando. Editora plagiou traduções de clássicos. **Folha de S. Paulo Ilustrada**, São Paulo, 4 de novembro de 2007. Disponível: <https://www1.folha.uol.com.br/fsp/ilustrad/fq0411200716.htm>. Acesso em: 11/09/2023.

ŞAHİN, Mehmet; DUMAN, Derya; GÜRSES, Sabri. Big business of plagiarism under the guise of (re)translation: the case of Turkey. **Babel**, v. 61, n. 2, p. 193-218, 2015.

ŞAHİN, Mehmet; DUMAN, Derya; GÜRSES, Sabri; KALEŞ, Damla; WOOLLS, David. Toward an empirical methodology for identifying plagiarism in retranslation. In: ALBACHTEN, Özlem Berk; GÜRÇAĞLAR, Şehnaz Tahir (eds.). **Perspectives in retranslation: ideology, paratexts, method**. Londres: Routledge, p. 166-191, 2019.

SERUYA, Teresa. Ideias sobre tradução durante o Estado Novo em Portugal (1934-1974). **Translation Matters**, v. 2, n. 2, p. 13-27, 2020. Disponível: <https://ojs.letras.up.pt/index.php/tm/article/view/9952>. Acesso em: 11/09/2023.

STRECKER, Marcos. Ministério Público investiga plágios. **Folha de S. Paulo Ilustrada**, São Paulo, 26 de junho de 2009. Disponível: <https://www1.folha.uol.com.br/fsp/ilustrad/fq2606200906.htm>. Acesso em: 11/09/2023.

TURELL, M. Teresa. Textual kidnapping revisited: the case of plagiarism in literary translation. **Speech, Language and the Law**, v. 11, n. 1, p. 1-26, 2004.

ZABALBESCOA, José Antonio. El primer traductor de Charles R. Darwin en España. **Filología Moderna**, v. 8, p. 269-275, 1968.

Recebido em: 22/05/2023

Aceito para publicação em: 24/09/2023